



Quinze dias de agitação nos pilotis

PUC foi palco de exposições, debates, interatividade, oficinas de dança, com direito até a degustação de culinária típica



GABRIELA DORIA

PÁGINAS 3 A 5

RioBotz ganha primeiro lugar em competição

Após 36 anos de campeonato, um robô não americano ganha medalha de ouro

Equipe universitária de robótica mais premiada do Brasil, a RioBotz estreou na Stem Tech Olympiad 2014 em grande estilo: recebeu a medalha de ouro na principal categoria

da competição. Pela primeira vez, em 36 anos, um robô não americano foi premiado. O grupo ganhou ainda outras duas medalhas: prata, na categoria fleaweight, e bronze, na

middleweight. Formada por 25 alunos das Engenharias de Controle e Automação, Mecânica e Elétrica, a equipe levou também o troféu Best in Show, de melhor robô. **PÁGINA 9**



DIVULGAÇÃO

Robô Touro Maximus em combate durante a Stem Tech Olympiad 2014

As consequências da Primeira Guerra

Na última reportagem da série sobre os cem anos do início da Primeira Guerra Mundial, especialistas em economia, relações internacionais e história

avaliam os impactos do conflito. A questão sobre o Genocídio Armênio, que até hoje causa polêmica, também é tema dessa edição. **PÁGINAS 6 E 7**

DIOGO MADUELL



DIVULGAÇÃO

PÁGINA 12

Equipe AeroRio participa de campeonato no exterior

A SAE Aerodesign EAST ocorreu na Geórgia, nos EUA

Conferência analisa as metas para engenharia

PÁGINA 8

REITOR

O Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., reflete sobre as questões da sociedade que, segundo ele, está repleta de conflitos, inquietações e manifestações. O Reitor considera o compromisso da verdade com as coisas essenciais para o ser humano fundamental para a construção de uma cultura de paz. **PÁGINA 2**

REITOR

Uma cultura de paz num país em conflito



Vivemos atualmente na sociedade brasileira uma sucessão de conflitos e inquietações, onde com frequência ocorrem manifestações e greves em diferentes setores do tecido social. A busca por uma melhor qualidade de vida, moradia, saúde, educação, transporte, entre outras, são externadas nas diferentes manifestações, ora pacificamente, ora em forma de vandalismo. O descrédito com algumas instituições, o aumento da consciência política da população, os sucessivos casos de corrupção e o cansaço pelas promessas não cumpridas impedem, muitas vezes, o diálogo e a busca de consenso em questões relacionadas com o exercício da pluralidade da liberdade humana.

Além desses agravantes, temos uma cultura midiática que ajuda a intensificar os conflitos, transformando os noticiários em verdadeiros espaços policiarescos, em que os contravalores têm a primazia, deixando de enfatizar os inúmeros valores sociais que são vividos pessoal e comunitariamente no cotidiano da existência.

Mesmo diante desses condicionantes externos, que direta ou indiretamente têm reflexos na saúde psicológica das pessoas, não po-

demos abrir mão do desejo de construir uma cultura de paz. A busca incessante de consenso em coisas simples e complexas, que fazem parte da vida humana e social, é fundamental para criar-se uma cultura de paz, que não significa negar os conflitos ou abandonar os desafios, mas enfrentá-los de forma serena, madura e imbuída de um espírito de fé. Sonhar com um mundo de paz não é uma utopia, mas um desejo que emana no mais profundo de cada ser humano. Fomos criados para viver a aporia entre o conflito e a paz, sem deixar que as contradições da história nos roubem o direito de manter interior e exteriormente a paz que nasce na busca incessante da verdade. O que mais compromete uma cultura da paz é a falta de verdade das coisas que são essenciais para o ser humano. Portanto, faz-se necessário, se queremos construir uma cultura de paz, que haja compromisso com a verdade, pois esta inadequação entre a nossa consciência e a realidade é que tem gerado uma série de contradições e aberrações na vida em sociedade. A falta de compromisso com a verdade no mundo virtual, sobretudo no mau uso das redes sociais, tem provocado linchamentos, acusações e

condenações, atingindo pessoas inocentes que são confundidas com outras, pagando injustamente o preço com suas vidas. Não é este o caminho de uma sociedade que busca construir uma cultura de paz.

Peçamos a Deus muita sabedoria para continuar esta árdua missão de sermos agentes construtores da paz e mediadores de consenso, sabendo que é missão de cada cidadão testemunhar os verdadeiros valores que norteiam a vida pessoal e social. Num país formado por uma brasilidade acolhedora, alegre e miscigenada, a cultura da paz é fundamental para o convívio fraterno entre as diferentes raças, cores e opiniões. Se isto é uma exigência para todos, o compromisso é maior para os cristãos, pois este imperativo é um atributo ético e moral que recebemos de Jesus Cristo, que nos confiou a missão de sermos agentes multiplicadores de uma paz diferente, onde imanência e transcendência estão profundamente imbricadas. “Felizes os que promovem a paz, porque eles serão chamados filhos de Deus” (Mt.5,9). “A paz esteja convosco” (Jo.20,19).

■ PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA, S.J.
REITOR DA PUC-RIO

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA PUC-RIO

A Copa do Mundo na sala de aula

A educação deve estar sempre conectada com a realidade e os acontecimentos sociais. Este ano, por exemplo, a Copa do Mundo pode ser uma oportunidade para formar para a cidadania.

Na universidade, cabe sobretudo a discussão política que vem marcando este evento. Há uma parcela da população que é contra a realização da Copa no país e defende que os mesmos recursos poderiam ser usados para projetos na educação e na saúde. Outros ponderam que eventos esportivos como este podem trazer desenvol-

vimento para as cidades e deixar melhorias que serão aproveitadas pelo povo, nos anos seguintes, além de fortalecer o turismo. Vale discutir essas questões com os jovens, incentivando-os a se posicionar. Essa é uma forma de estimular o pensamento crítico e a postura cidadã.

Depois da Copa, é interessante avaliar o que aconteceu. Por exemplo, se houve manifestações: serviram para expressar ideias e conscientizar sobre mudanças? O que povo pediu? Isso é justo e necessário? Como pode ser conseguido? Aí está uma oportunidade de ligar

a Copa com um evento do segundo semestre, as eleições.

Além disso, será interessante debater o que aconteceu nos estádios: houve atos de discriminação? Houve brigas entre torcedores? Que valores deveriam predominar num evento que reúne cidadãos de tantos países e culturas?

Com conversas como essas na sala de aula, o futebol acaba se tornando instrumento para formar cidadãos mais conscientes e mais comprometidos com a mudança social.

■ ANDREA RAMAL
PRESIDENTE DA AAA-PUC-RIO

www.aaapucrio.com.br

CRÔNICAS DE MEMÓRIA

Para Não Esquecer

As universidades de portas fechadas

ANTÔNIO ALBUQUERQUE/ACERVO DO NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO



Projeção na sala do Conselho Universitário

As contradições que marcaram a sociedade durante os 21 anos que se seguiram ao golpe civil-militar passaram por dentro dos *campi* das universidades brasileiras. Em razão de suas ideias políticas, alunos e professores foram perseguidos, expulsos, presos e torturados; alguns professores foram aposentados compulsoriamente e outros exonerados; cursos encerrados; verbas de pesquisa cortadas.

O expurgo de professores ocorreu mais sistematicamente em 1964 e 1969, após a promulgação do AI-5 e do decreto 477, instrumento de repressão voltado para a educação que permitiu as expulsões dentro das universidades públicas sem nenhuma defesa prévia.

A liberdade estava cerceada e a PUC-Rio não passou incólume pelos conflitos desse período. Alguns militares eram professores dos cursos de Engenharia do recém-criado CTC e em todos os Centros havia quem apoiasse a ditadura, o que aumentava a pressão para que, também nesta Universidade, o decreto fosse colocado em prática. A PUC-Rio acolhera alguns professores das universidades federais, sobretudo da UFRJ. Tal decisão acirrou

conflitos internos.

Em depoimento, o professor Carmelo, do Departamento de Educação, relata a “sessão memorável” do Conselho Universitário, ocorrida no início de 1969. Alguns conselheiros defendiam a suspensão dos contratos dos docentes oriundos da UFRJ. O consenso parecia impossível. Paulo de Assis Ribeiro, Assessor de Planejamento da Reitoria, ligou o retroprojetor e argumentou: “a Doutrina Social da Igreja é como este foco: há posições mais centrais, mais à esquerda e à direita; acima ou abaixo. Entretanto, desde que esteja dentro deste foco de luz, está de acordo com a doutrina. Não há, portanto, condição de se afastar um professor e pesquisador da PUC por razões do AI-5, sempre que suas opções políticas se coloquem dentro do foco abrangente da Doutrina Social da Igreja”. Após intenso debate, o Conselho Universitário decidiu manter os professores.

Os tempos difíceis não impediram que a solidariedade e o sonho de dias melhores encontrassem formas de expressão.

■ EDUARDO GONÇALVES
E NAMÍBIA RODRIGUES
NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO

JORNAL DA PUC

Publicação quinzenal editada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Coordenador-Geral: Prof. Miguel Pereira. Coordenadora-Adjunta: Profª. Julia Cruz. Coordenadora-Administrativa: Rita Luquini. Jornalista Responsável e Editora: Profª. Julia Cruz (MTE 19.374). Subeditora e Chefe de Reportagem: Profª Adriana Ferreira. Projeto Gráfico e Diagramação: Profª. Mariana Eiras. Fotografia: Prof. Weiler Finamore Filho. Ilustração: Prof. Diogo Maduell. Conselho Editorial: Professores Adriana Ferreira, Angeluccia Habert, Augusto Sampaio, Carmem Petit, Cesar Romero Jacob, Cristina Bravo, Fernando Ferreira, Fernando Sá, Julia Cruz, Lilian Saback, Mariana Eiras, Rita Luquini. Anúncios produzidos pela Agência de Propaganda da PUC-Rio. COMUNICAR - Redação e Administração: Rua Marquês de S. Vicente, 225, S/401-K, 22451-900, Gávea, RJ. Telefone: 3527-1140. E-mail: redação: imprensa.comunicar@puc-rio.br. Administração: pcomunic@puc-rio.br. Impressão: gráfica do Lance.

Exposição: Interação foi o ponto forte da maioria das atividades nos estandes instalados nos pilotis do Edifício Kennedy

Todo mundo quer chutar A Bola

Palestras e jogos também fizeram parte do cronograma da mostra

DAVI BARROS

Pisa no gramado, olha ao redor e percebe um incontável número de pessoas ali, todos no mesmo clima, com os mesmos sentimentos, admirando o elemento mais importante do futebol: a bola. Este sentimento que domina o jogador de futebol foi o mesmo que tomou conta dos pilotis diante da protagonista do espetáculo. A Bola foi o tema da exposição organizada pelos alunos do 6º período do curso

de Publicidade, da disciplina Laboratório de Publicidade, entre os dias 19 e 23 de maio, com orientação dos professores Cristina Bravo e Marcos Barbato. Houve uma série de atividades no campus e a exibição de filmes.

O tema contagiou todos. O Reitor da Universidade, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., ensaiou alguns chutes no gol montado nos pilotis do Edifício Kennedy. Ele ressaltou a importância da expressão simbólica que a bola tem nas culturas nacionais e internacionais.

– O Departamento de Comunicação e o grupo de publicidade estão de parabéns por esta exposição tão bonita, em que as relações entre esporte e questões sociais estão profundamente ligadas – afirmou.



Reitor é marcado pelo Vice-Reitor Comunitário, Augusto Sampaio



WEILER FILHO

Totó, futebol de botão, pregobol e golzinho atraíram o público



WEILER FILHO

Pilastras foram decoradas com uniformes de clubes e seleções



WEILER FILHO

O vencedor de cada partida concorria a uma camisa do Zico



Exposição AMEN, mostrou a relevância do futebol na África

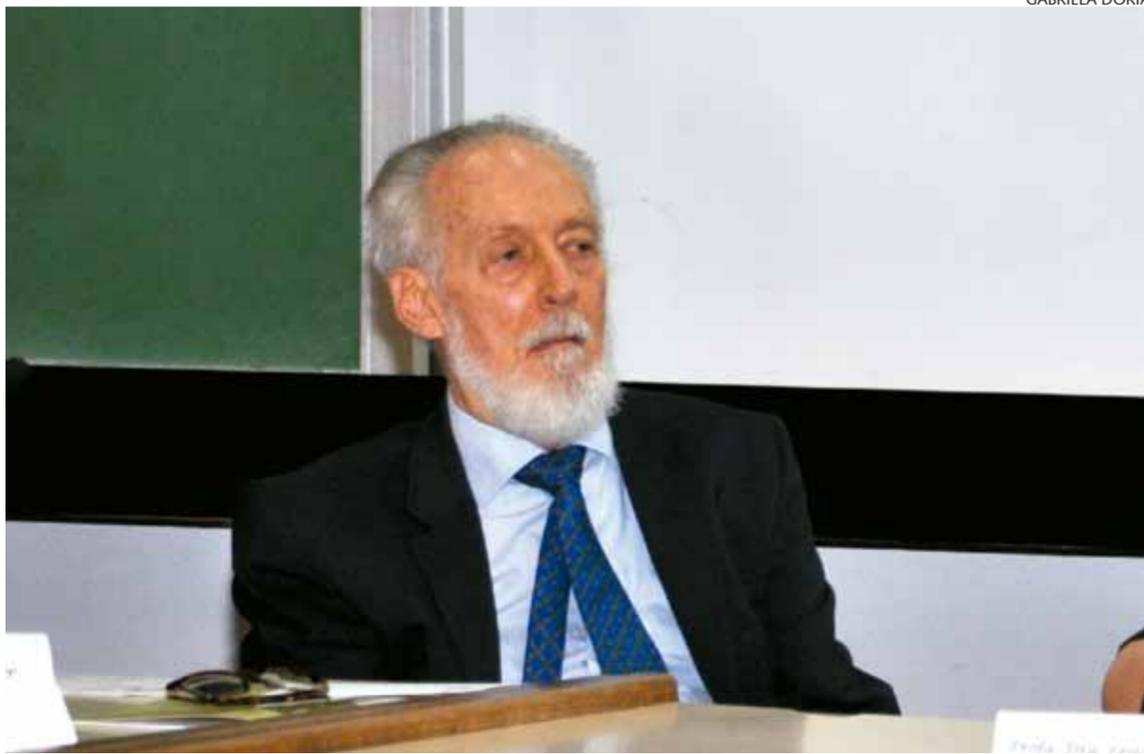
WEILER FILHO

Debate: Nirema promove uma semana de discussões sobre a região

As várias ‘áfricas’ em um continente

Estudiosos abordam temas como religião, cultura, história e literatura em encontro

GABRIELA DORIA



O ex-diplomata brasileiro Alberto da Costa e Silva palestrou sobre o tema Uma África: várias Áfricas?

ALESSANDRA MONNERAT,
ARTHUR MACEDO E NORMAN PRANGE

Quando se falava na África, há alguns anos, muitas pessoas pensavam no continente como um país só. Mas, com mais informações sobre os países africanos, esse estereótipo está em processo de se desfazer. A historiadora Teresa Cruz e Silva, da Universidade Eduardo Mondlane, de Moçambique, compartilha a visão de que um maior contato com a cultura africana aumenta o conhecimento sobre as regiões.

– Encontro estudantes universitários que falam da África como única unidade. Perguntam-me se quando abro a torneira saem cobras, ou como é o sistema de educação na África. São várias “áfricas” no continente – ressalta.

O Núcleo Interdisciplinar de Reflexão e Memória Afrodescendente (Nirema) organizou, entre os dias 26 e 29 de maio, a Semana da África para promover as histórias, identidades e narrativas do continente. A África sofre, historicamente, com preconceitos em relação à violência e à pobreza. Um dos maiores estudiosos sobre o continente, o ex-diplomata e imortal da Academia Brasilei-

“
O estudo da Europa e América sem referênica à África não faz sentido”

Elisée Soumonni

ra de Letras (ABL) Alberto da Costa e Silva viveu, entre 1960 e 1974, em diversos países africanos e guarda “excelentes” recordações daquela época. Ele, que é doutor em História, afirma que a imagem da África não corresponde à realidade.

– Temos a visão de que a África é violenta e pobre. Mas os conflitos estão em curso em todos os continentes. Tentemos a ver a África sempre de uma perspectiva herdada do escravismo, que procurou colocar o africano nos lugares mais baixos da humanidade, como se ela fosse uma escada e não uma planície – analisa.

A África é composta por 54 nações, cada uma com diferen-

tes culturas, religiões e identidades. A Nigéria, um dos países de maior crescimento nos últimos anos, ainda sofre de desigualdade social e conflitos étnicos. Costa e Silva, que começou a estudar história africana em 1948, aponta os principais problemas do país.

– A Nigéria pós-independência passou por momentos de progresso e, por outro lado, de problemas. Ainda precisa resolver vários problemas sociais para fazer a conciliação entre as etnias. Praticamente todos os países do mundo são formados por diferentes nacionalidades, que se conjugam para formar um país. E na África isso é evidente – explica.

Devido à época da escravidão, há uma ponte histórica entre o Brasil e a África. O professor de História Africana na Universidade do Benin Elisée Soumonni acredita que é impossível entender a história sem estudar o continente africano.

– O estudo da Europa e América sem referênica à África não faz sentido. Até a Europa não pode ignorar a contribuição africana para seu desenvolvimento. A época da escravidão trouxe milhões de negros para as colônias na América. Há uma ligação entre os três continentes – conclui.

PELO CAMPUS

Sobre identidades e conflitos

GABRIELA GARRIDO



Marcela Vecchione discutiu a situação dos indígenas brasileiros

Até que ponto categorias como religião, etnia e gênero podem influenciar no cenário das relações políticas, econômicas e estratégicas dos países? Responder a essa pergunta foi a proposta do seminário Identidades e Conflitos nas Relações Internacionais Contemporâneas, organizado pelo Instituto de Relações Internacionais nos dias 15 e 16 de maio. Palestrantes nacionais e internacionais discutiram situações conflituosas na América Latina, África e Oriente Médio.

O foco do primeiro painel foi a população de quilombolas e indígenas, que vivem nas fronteiras de países sul-americanos. Para os debatedores, esses grupos estão nas bordas das pautas dos governos e da sociedade. Segundo Marcela Vecchione, da McMaster University, do Canadá, as palavras-chave para se abordar esse assunto são resistência e preconceito.

– Preconceito se relaciona à distância geográfica, mas também ao modo de vida. Temos dificuldades de lidar com realidades distantes das nossas.

Repensar estereótipos também foi o foco do segundo dia, desta vez sobre a noção de que Islã e democracia são antônimos. Como exemplo, foram trazidos os novos papéis da juventude e das mulheres árabes. Especialista no papel feminino no Islã, a professora Maria Holt, da University of Westminster, na Inglaterra, discutiu o problema da generalização.

– Sempre podemos falar no geral, mas pode ser muito perigoso.

Para Paulo Hilu, da UFF, questões tão amplas como as ligadas à identidade devem ser analisadas com cuidado.

– O geral não pode ser o pressuposto. Ele deve ser a conclusão – declarou.

ALESSANDRA MONNERAT

Ciclistas ganham dia só deles

GABRIELA GARRIDO



Ação ocorrida no bicicletário incluiu colocação de placa nos veículos

“O esforço é individual. O bem é coletivo”. Esse é o slogan da campanha realizada pela Agência de Publicidade do Projeto Comunicar para conscientizar sobre o uso da bicicleta. Segundo a Coordenadora da Agência, professora Cristina Bravo, a campanha é em homenagem àqueles

que podem e escolheram esse meio de transporte como acesso à Universidade. Ela afirmou também que, a partir de agora, a última segunda-feira de maio passa a ser o dia do ciclista PUC-Rio. Quem estacionou a bicicleta entre 9h e 13h ganhou uma placa.

DAVI BARROS

Veja matéria completa no site do Jornal da PUC:
www.puc-rio.br/jornaldapuc

Mundo: Após anos de guerra civil, o país, ainda pouco conhecido pelos brasileiros, firma parcerias para um recomeço

Uma nova Angola no horizonte

Mostra expôs a situação política, econômica e cultural da nação africana

GABRIELA DORIA



O Embaixador de Angola no Brasil, Nelson Cosme, participou da cerimônia de abertura da Semana no RDC

tróleo. A produção angolana é aproximadamente de dois mil barris por dia, que representa 80% da receita pública, 90% das exportações e 27% do PIB nacional, segundo a revista inglesa *The Economist*. O professor Fausto Simões, decano da Universidade Agostinho Neto, de Angola, diz que a diversificação é fundamental. Segundo ele, essa dependência gera poucos empregos e faz o país pouco

Esses planos de diversificação, como o Angola Investe e o Plano Nacional de Desenvolvimento, buscam fortalecer o país para enfrentar desafios como a reconstrução das infraestruturas e a debilidade em setores de alimentos. Atualmente, Angola não produz o suficiente para suprir a demanda da população. Nesse sentido, a relação com o Brasil pode ajudar, segundo Mario Nascimento, membro da Comissão de Mercado de Capitais de Angola.

“**Os desafios do país são a reconstrução nacional e a distribuição da riqueza**”

Embaixador Nelson Cosme

– Temos uma participação brasileira na parte de consultoria agrícola, na qual o Brasil tem uma *expertise* elevada. Por outro lado, o Brasil tem uma história que o permite ser um *benchmark* na estabilização macroeconômica. Angola está no processo de transformação em uma economia emergente, pelo qual o Brasil já passou. Então, tem ensinamentos para nos dar – observou.

O embaixador de Angola no Brasil, Nelson Cosme, reconhece que o crescimento da agricultura é importante para ajudar em outro desafio: combater a pobreza e o desemprego. Mas o embaixador é otimista ao avaliar o desempenho econômico do país.

– Temos uma economia que cresce cada vez mais. Mas também há desafios ligados à reconstrução nacional e à distribuição da riqueza. Para combater a pobreza é necessário a melhor distribuição da renda e dar mais oportunidades às pessoas – ressaltou.



GABRIELA GARRIDO

Moda angolana foi destaque nas oficinas de um dos estandes da mostra

ALESSANDRA MONNERAT,
ARTHUR MACEDO E NORMAN PRANGE

A mesma língua, o mesmo colonizador e um oceano de distância. Brasil e Angola compartilham muitas características. A relação entre os países começou na época da escravidão, quando grande parte dos navios negreiros que chegavam às terras brasileiras vinha de Angola.

Entre os dias 19 e 23 de maio, a PUC recebeu uma pequena mostra do país africano durante a Semana de Angola – Pontes de Oportunidades, organizada pela CCESP para celebrar a relação.

Para o professor de economia Carlos Rosado de Carvalho, da Universidade Católica de Angola, a pouca informação sobre o “país-irmão” entre brasileiros ainda é grande.

– Quando estava cortando o cabelo, o barbeiro me perguntou de onde eu era. Eu disse “de Angola”, e ele respondeu “ah, Angola, em Portugal”. Ainda existe um desconhecimento muito grande no Brasil sobre Angola, apesar dos laços históricos e dos caminhos cruzados – declarou.

No campo econômico, a relação entre os países é mais ampla e tem crescido. Angola é o país

com a maior presença brasileira no continente africano e tem o Brasil como um dos principais parceiros comerciais. Uma economia nova, de 12 anos de existência, Angola experimentou um “boom” de crescimento desde a declaração de paz, em 2002, que deu fim à Guerra Civil de 27 anos. As taxas de crescimento do PIB estão entre as maiores da África, de 5,3% para 2014.

O crescimento econômico do país, porém, veio associado a uma alta dependência do pe-

competitivo em outras áreas.

– Viver apenas à base de um produto, o petróleo, não conduz Angola à sustentabilidade. As receitas da economia angolana ficam condicionadas às variações do preço de petróleo do mercado internacional. Uma economia não pode sobreviver nessas condições. Os governantes angolanos têm a consciência disso e propuseram um plano de diversificação de economia para saírem da “petrodependência” – explicou.

Intercâmbio e empreendimentos entre os países

A Semana de Angola promoveu um intercâmbio de informações e experiências sobre o país africano no campus da PUC. Com a proposta de criar pontes de oportunidades entre Angola e Brasil, a mostra proporcionou o encontro de economistas, historiadores e produtores culturais dos dois países.

No Auditório do RDC, onde ocorreram as palestras e mesas-redondas, o principal foco foi a economia angolana, uma das que mais crescem na África. As oportunidades de negócios para brasileiros são diversas, segundo Renato Azevedo, ex-presidente da

Associação de Empresários Brasileiros em Angola.

– Estudantes e jovens empreendedores podem aproveitar nossa experiência em Angola para verificar se sua visão de negócios se encaixa com o que o mercado oferece. É uma oportunidade crescente de negócios, mas é para quem tem disposição – afirmou.

A cultura angolana esteve presente nos pilotis do Edifício Leme. Entre as atrações, a exposição Maravilhas Naturais de Angola e a réplica de uma oca do século XVI. Em oficinas, no espaço Junito Brandão, os participantes puderam conhecer os ritmos

kizomba e kuduro, além de aprender sobre a culinária e a arte dos tecidos angolanos.

Para o professor Carlos Gabriel Guimarães, da UFF, conhecer mais sobre a cultura e a história de Angola é fundamental para a relação com o Brasil.

– A história permite entender os erros, principalmente no cenário de desenvolvimento econômico. O pesquisador tem de ter uma leitura geral para entender a importância de Angola. Conhecer a história é fundamental para entender Angola e pensar no futuro – concluiu.

ALESSANDRA MONNERAT

O conflito que não terminou

ARTHUR MACEDO

Desaparecimento e partilha de impérios, novo desenho de um continente inteiro, queda de dinastias, fortalecimento do nacionalismo alemão, tratados de paz e ascensão dos Estados Unidos. Não foram poucas as consequências deixadas pela Primeira Guerra Mundial. E, até hoje, os impactos causados pelas decorrências do conflito ressoam pelo mundo.

A Grande Guerra foi o confronto que mais mudou o mapa da Europa. Devido a tratados de paz impostos às nações derrotadas, grande parte dos territórios desses países foi perdida e culminou com o fim dos impérios Alemão, Otomano e Austro-Húngaro. Surgiram novas repúblicas, tais como a da Áustria (estabelecida pelo Tratado de Saint-Germain, em 1919) e a da Hungria (Tratado de Trianon, em 1920).

O professor Márcio Scarlécio, do Instituto de Relações Internacionais da PUC, afirma que as alterações no mapa europeu criaram zonas de instabilidade na região.

– A Liga das Nações consagrou os 14 Pontos de Wilson. Um desses pontos era o direito de autodeterminação de povos. Só que muitos desses povos da Europa viviam fora de seus estados. Por exemplo, muitos húngaros viviam na Romênia. Isso produziu uma série de brigas étnicas nesses territórios onde minorias importantes acham que estão sendo discriminadas pelos governos que passaram a administrá-los. Com os impérios, esse problema era diluído – conta.

Outro império que desapareceu foi o Russo. As derrotas sofridas pelos russos e a crise econômica que assolava o país acirraram as tensões sociais e provocaram a Revolução Russa, em 1917. A autocracia russa foi derrubada e o Partido Bolchevique, de Lenin, chegou ao poder.

Com relação à economia, as dívidas de guerra entre os Aliados eram grandes. Os Estados Unidos apareceram como credores e países como França e Inglaterra pas-

A Primeira Guerra Mundial provocou consequências que mudaram o curso da história da humanidade

saram a dever aos americanos. Professor de Economia da PUC, Marcelo Abreu observa que outros países também sofreram.

– Houve uma superoferta de commodities, porque a Guerra afetou regiões produtoras tradicionais. Talvez o açúcar seja o melhor caso. A Guerra afetou tanto as regiões produtoras de açúcar, como o antigo Império Russo, a França e Bélgica.

Depois, quando houve a paz, ocorreu uma superoferta do produto – diz.

Outro efeito causado pelas batalhas foi a ascensão dos Estados Unidos.

O país, antes da Guerra, já era uma potência econômica e se tornou ainda mais forte com o conflito. As potências europeias envolvidas empenharam praticamente toda economia para se abastecer com os americanos. O professor de História da Universidade de Brasília (UnB) Thiago de Lemos ressalta o que fortaleceu os EUA.

– Os Estados Unidos conquistaram um espaço maior nos assuntos diplomáticos. O país teve um papel decisivo na reorganização das forças políticas na Europa.

Não por acaso, o presidente Woodrow Wilson teve destaque na Conferência de Paz de Paris e na concepção da Liga das Nações – explica.

As penalidades impostas à Alemanha pelo Tratado de

Versalhes e a crise econômica devastadora pela qual o país passava, na década de 1920, abriu espaço para posições políticas mais radicais ganharem forças. Lemos afirma que essas posturas políticas se apresentavam como uma salvação do país.

– Essas posições se apresentavam como solução para os problemas econômicos e políticos e que pudessem recuperar o orgulho germânico. Assim, o partido nazista aumentou sensivelmente a sua popularidade até chegar ao poder, em 1933 – relata.



DIOGO MADUELL

A tragédia dos armênios no Império Otomano

O premiê turco abordou, pela primeira vez, em 2014, o assunto polêmico em comunicado oficial

NORMAN PRANGE

As palavras do primeiro-ministro turco, Recep Tayyip Erdoğan, na ocasião dos 99 anos do Genocídio Armênio, em 24 de abril de 2014, parecem de conciliação. Em comunicado oficial, o premiê turco expressou as condolências aos netos dos armênios mortos e desejou paz para aqueles que perderam a vida na época. Erdoğan se referiu, sem usar o termo genocídio, ao massacre que ocorreu entre 1915 e 1917 no Império Otomano. Estima-se que até 1,5 milhão de armênios foram mortos. Pela primeira vez, desde sua fundação, em

1923, a Turquia fez declarações positivas sobre o assunto, mas, mesmo assim, nunca assumiu a culpa no episódio e rejeita o termo genocídio.

No século XX, quatro principais assassinatos em massa ocorreram em diferentes partes do mundo: na Segunda Guerra Mundial com o holocausto, no Camboja, entre 1975 e 1979, na Ruanda, em 1994, e o primeiro dos quatro, conhecido como Genocídio Armênio, até hoje gera desarmonias entre a Turquia e a Armênia.

Em 24 de abril de 1915, o governo otomano prendeu e massacróu centenas de líderes armênios em Istambul, se-

gundo o BBC Brasil. Depois ocorreram deportações, execuções e marchas de morte, com o objetivo de exterminar a presença cultural e econômica armênia no Império Otomano, que mais tarde seria a Turquia.

O historiador Thiago de Lemos, da Universidade de Brasília (UnB), explica que diversas etnias no Império Turco reivindicavam autonomia antes da Primeira Guerra. Entre os grupos estavam os gregos, eslavos, árabes e os armênios. Embora alguns conseguissem liberdade, os armênios permaneceram sob o domínio otomano. A maioria dos armênios era cristã, enquanto o Império Otomano era majoritariamente muçulmano, o que aumentou a discrimina-

ção contra eles, afirma Lemos.

Após o estouro da Primeira Guerra, os armênios no lado russo reivindicaram autonomia do governo turco. De acordo com Lemos, a rivalidade histórica entre a Rússia e o Império Otomano, provocada por diversos conflitos entre ambos, foi a razão pela qual a troca de lado dos armênios era considerada uma traição. A perseguição resultou na matança dos armênios.

– A repressão ao movimento nacionalista armênio terminou em genocídio, ocasionado por deportações, utilização de armas químicas e marchas da morte – observa o professor de história.

Atualmente, 21 países reconhecem o Genocídio na Primeira Guerra. Alemanha, França, Rússia, Canadá, Argentina, Chile e Venezuela fazem parte desse grupo de

nações. Por outro lado, o Brasil e os Estados Unidos nunca reconheceram oficialmente o fato, embora São Paulo, Paraná e Ceará, além de 43 estados americanos, reconheçam.

Para a Turquia, que sucedeu o Império Otomano em 1923, é difícil aceitar o genocídio, segundo Lemos, porque significaria resignar-se ao cometimento de um crime contra todo um povo e, conseqüentemente, contra a humanidade. Além disso, o historiador relembra que nações podem ter interesses próprios em reconhecer crimes por causa do passado.

– Não é possível esquecer que muitos países que defendem o reconhecimento do Genocídio Armênio, cometido pelos turcos, não o fazem abertamente quando se trata dos genocídios por eles cometidos, como é o caso da França na Guerra de Independência da Argélia – aponta.



Universidade: Conferência internacional dá visibilidade à instituição

Intercâmbio de ideias estratégicas

GE4: Encontro tratou de estudos globais de engenharia e avanços na internacionalização

ALINE RIPOLI

As estratégias e metas das universidades latino-americanas voltadas para o exterior e a captação de recursos para a mobilização acadêmica foram alguns dos temas abordados na Conferência GE4, rede responsável por estudos globais de engenharia. O encontro, realizado nos dias 20 e 21 de maio, na Universidade, contou com a participação de profissionais de instituições brasileiras e internacionais.

Segundo o Vice-Reitor Administrativo, professor Luiz Carlos Scavarda, a Rede GE4 envolve quatro áreas: Engenharia, Educação, Empreendedorismo e Exchange. Para ele, a globalização é resultado do avanço de tecnologias e está diretamente ligada à engenharia.

– A engenharia é a ciência que acaba transformando a tecnologia em produtos e serviços. Inovação está fortemente ligada a esta carreira. E a educação também, porque nós estamos em uma universidade e queremos formar engenheiros com uma visão diferente – destacou. De acordo com Scavarda, com a Conferência e o avanço no processo de internacionalização, a PUC-Rio ganha visibilidade.

– Deixar a PUC em evidência é o legado deixado pela conferência. O programa de internacionalização avançou muito nos últimos anos. Nós estamos vivendo um momento em que esse programa se profissionalizou, deixou de ser amador. E o combustível desse programa é a visibilidade. As palestras foram muito importantes nesse sentido – comentou.



ANTONIO ALBUQUERQUE

Palestrantes discutem estratégias das universidades latino-americanas

Nece

O Núcleo de Educação em Ciências e Engenharia (Nece) promoveu, no dia 22 de maio, o workshop Some Best Practices On Engineering Education and Opportunities for International Collaboration, por meio do uso do software GoToMeeting, usado para reuniões e videoconferências on-line.

De acordo com o professor Luiz Carlos Scavarda, fundador do NECE, a presença de representantes de instituições, como Virginia Tech, International Federation of Engineering Education Societies (Ifees), Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), Academia Nacional de Engenharia (ANE) e Associação Brasileira de Ensino de Engenharia (Abenge), estimulou maior participação no workshop.

– A presença desses profissionais catalisou o interesse pela reunião. E, com isso, foi possível que outras pessoas participassem, usando o programa GoToMeeting, que facilita a comunicação. Você percebe niti-

damente que é um programa em desenvolvimento, com algumas falhas, mas é o melhor que se pode ter quando você não pode pagar passagem para estar aqui.

No workshop, foram discutidos temas como a importância da engenharia e os avanços no setor. A crise europeia, a interação entre Índia e Estados Unidos e os novos métodos de ensino na engenharia também foram abordados. Para Scavarda, o encontro deu início ao desenvolvimento de uma rede entre os profissionais, além de estimular a expansão e a internacionalização do Nece.

– O Nece é um órgão da PUC que tem uma visão internacional muito forte. A Abenge é uma associação brasileira, que precisa também, por sua parte, de contatos no Brasil e fora do Brasil, e esses contatos todos foram reforçados com os temas discutidos. O workshop foi gravado e vamos poder divulgar o que cada um desses profissionais faz. Agora, as pessoas têm acesso a um conjunto muito maior de informação.

Palestra: DaMatta fala sobre esporte e religião

Futebol brasileiro: uma questão de fé

Professor analisou as diferenças entre as Copas de 1950 e 2014 realizadas no país

GABRIELA GARRIDO



Antropólogo debateu, também, sobre o movimento Não vai ter Copa

DAVI BARROS

Na palestra Mística e Futebol - Entre a bola de couro e a de cristal, o antropólogo Roberto DaMatta, professor do Departamento de Ciências Sociais, comparou o goleiro a um sacerdote; a bola à hóstia; e os torcedores aos profanos. O encontro foi promovido pela Cátedra Carlo Maria Martini e pelo Departamento de Teologia, no dia 27 de maio, e contou com a mediação da professora Maria Clara Bingemer, Vice-Decana do CTCH.

Segundo DaMatta, diferente de outros esportes, o futebol é incerto, com viradas durante as partidas que se assemelham com as reviravoltas da vida, o que faz com que os torcedores apelem para o sobrenatural. Para o antropólogo, o futebol é uma atividade que apresenta semelhanças com o misticismo religioso, já que os torcedores têm fé e esperança que determinado time vença.

– Existe a questão do acidente, da imprevisibilidade, da excelência, da beleza. É um encontro entre o corpo e a alma, porque os grandes jogadores são os que inventam jogadas, que são esteticamente muito bonitas e que surgem em um momento do jogo.

DaMatta observou que a sociedade brasileira ama, admira e pratica o esporte, que foi, e ainda é, um elemento importante para a construção da identidade nacional. Cinco vezes campeão do mundo, o futebol brasileiro foi, na opinião do professor, um

dos primeiros instrumentos de autoafirmação positiva e de autoestima do país.

– O Brasil é definido pelo futebol, que também ajuda a construir o nosso país, essa nossa expressão. O futebol brasileiro, hoje, é uma dimensão importante do mundial. Nós transformamos esse esporte inglês em um esporte que, hoje, é muito mais brasileiro em termos de estilo de jogar e de invenção de jogadas. O Brasil deu uma contribuição à arte futebolística, que é, certamente, única – assinalou.

De acordo com DaMatta, uma das principais diferenças entre a Copa de 1950 e a de 2014 é a forma como o país se organizou para receber o evento. Com os transtornos causados pelas obras, o trânsito e os riscos de manifestações, muitas pessoas podem optar por assistir aos jogos pela TV, como se o campeonato não fosse no Brasil.

O antropólogo abordou assuntos como o movimento Não vai ter Copa e se mostrou a favor da realização do evento no país.

– O futebol é ritual, é arte. Você pode fazer um movimento e dizer: Não queremos museus. Você vai proibir um país de construir museus, em vez de escolas? Não é uma questão de um ou outro. Tem que fazer os dois. A reclamação é exatamente a dissonância que você tem hoje. Hospitais vergonhosos, escolas primárias vergonhosas e esses estádios, do ponto de vista de projeção, suntuosos e o preço deles aumenta – concluiu.



**Leia o
Jornal da PUC
na internet**

www.puc-rio.br/jornaldapuc

Prêmio: Pela primeira vez, em 36 anos de competição, um robô não americano vence olimpíada de robótica, nos EUA

Equipe brasileira leva o troféu Best in Show

MARIANA SALES

Em 36 anos de competições nos Estados Unidos, pela primeira vez um robô não americano ganha medalha de ouro na principal categoria da Stem Tech Olympiad 2014. O primeiro lugar ficou com a equipe universitária de robótica mais premiada do Brasil, a RioBotz/PUC-Rio, estreante na competição. Eles ainda ganharam as medalhas em outras duas categorias, uma de prata e uma de bronze. O evento reuniu os robôs da Battlebots e RoboGames, as duas competições americanas mais famosas, entre os dias 4 e 6 de maio, em Miami, nos Estados Unidos.

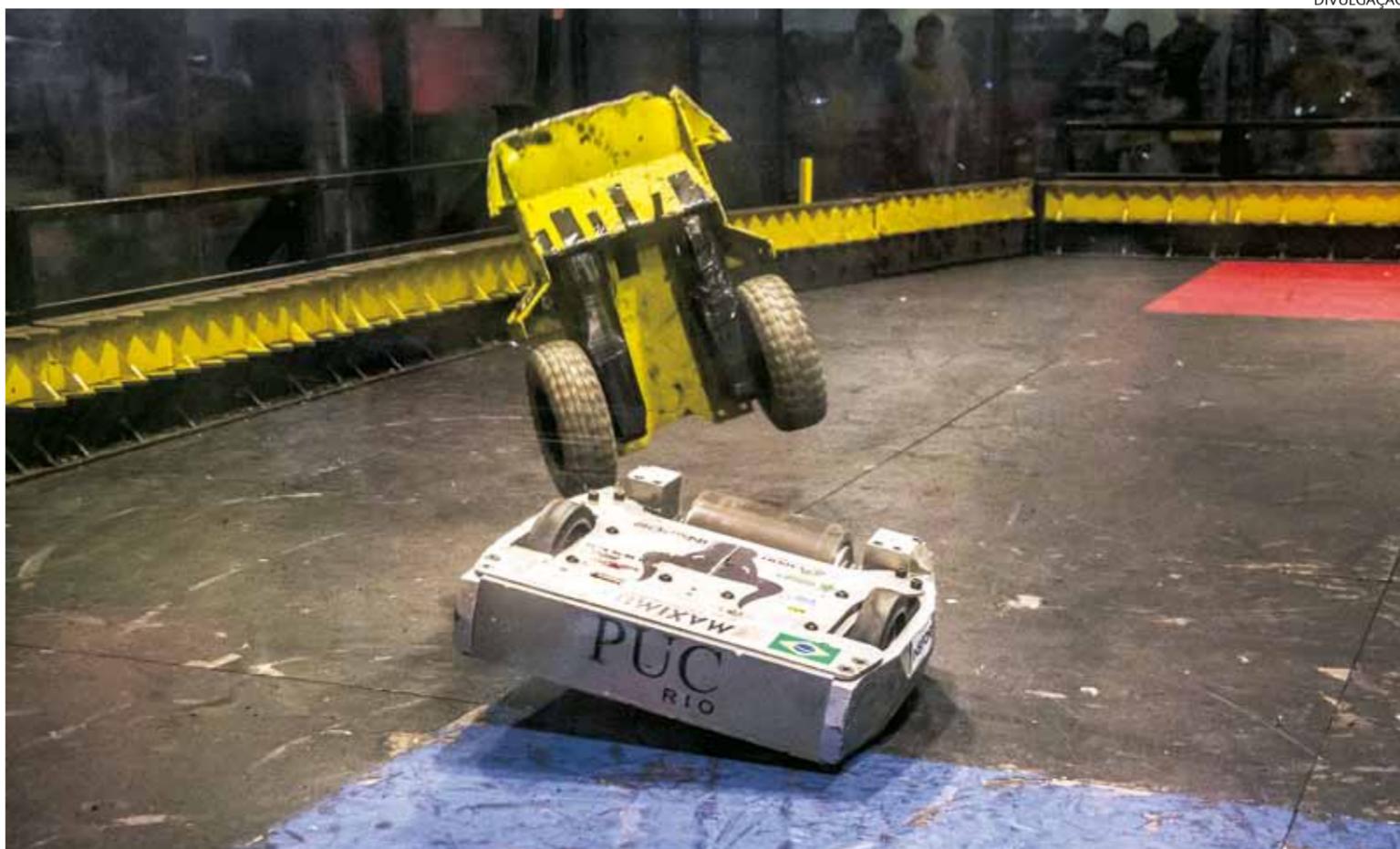
A Olimpíada é uma batalha entre robôs, na qual são avaliadas a resistência e durabilidade do projeto. Com o robô Touro Maximus, de 100 quilos, além da medalha de ouro, a equipe levou para casa o inédito troféu Best in Show, que premia o melhor robô do campeonato. O coordenador da equipe, professor Marco Antonio Meggiolaro, do Departamento de Engenharia Mecânica, contou que até a equipe concorrente reconheceu a perda da luta por pontos.

– Estávamos com a esperança de que os juízes ficassem ao nosso favor, porque realmente a luta foi melhor para o nosso lado. Todo mundo ficou emocionado, pois o último combate foi bastante acirrado.

Na categoria fleaweight, o robô Pocket, de 150 gramas, empatou com dois robôs em primeiro lugar. No confronto de desempate, Pocket ficou com a prata. Um dos favoritos da competição, o robô Touro, de 55 quilos, competiu na categoria middleweight, mas por problemas no motor elétrico, levou bronze. Para Marco Antonio, a equipe quis inovar.

– Perdemos porque o tambor rotatório, que fica em frente do robô, parou de funcionar e não tinha sido totalmente testado. Uma coisa é testar em laboratórios, outra coisa é testar lá na competição, contra um robô tão bom quanto o seu. Se

RioBotz conquista medalha de ouro com o Touro Maximus



DIVULGAÇÃO



Na foto maior, o Touro Maximus em atuação na arena de luta aplicando um golpe que faz o robô adversário sair do caminho

Na foto menor, a equipe RioBotz comemora a conquista no campeonato internacional

► RioBotz: 11 anos de histórias e sucessos

Formada em janeiro de 2003, a RioBotz é a equipe mais premiada do país. Ela projeta e constrói robôs de competições. Os integrantes também adquirem conhecimentos em áreas como mecânica, eletrônica, computação, publicidade, marketing, design e captação de recursos. Apesar do foco ser a construção de robôs de combate, a RioBotz utiliza tecnologias que são aplicadas nas indústrias de energia, petróleo e médica.

Atualmente, o grupo é formado pelos alunos dos Departamentos de Engenharia de Controle e Automação, Mecânica e Elétrica. De acordo com o coordenador da equipe, professor Marco Antonio Meggiolaro, do Departamento de Engenharia Mecânica, participar da equipe é importante para o desenvolvimento dos estudantes.

– O aprendizado adquirido não tem preço. Eles

complementam toda essa base teórica acadêmica das aulas com os conhecimentos práticos e com tecnologia de ponta, porque nessas competições eles estão concorrendo com equipe internacionais.

Em 11 anos de batalhas, a equipe já conquistou 104 medalhas, entre elas, 35 títulos em campeonatos nacionais e 21 medalhas de ouro em competições internacionais. Outras 48 medalhas são a soma de 28 pratas, 13 delas internacionais, e 20 bronzes, 11 delas, internacionais.



ERICKA KELLNER

À primeira vista, pode parecer difícil associar a yoga com uma entrevista de emprego. No entanto, o equilíbrio entre mente e corpo tem sido cada vez mais valorizado no mercado de trabalho, diante da procura por profissionais que apresentam, como atributo, a resiliência – termo empregado para designar a capacidade que as pessoas apresentam de superar adversidades e de convertê-las em oportunidades de crescimento.

Flexibilidade, autocontrole e concentração são alguns dos benefícios da atividade, originada da Índia. A palavra advém da raiz sânscrita yuj, que significa unir, juntar, integrar. O autor indiano Patanjali é apontado como o responsável por disseminar a atividade pelo mundo por meio do tratado Yoga Sutra, uma espécie de guia. São afirmações concisas que ensinam a disciplinar a mente para obter um maior controle sobre as emoções. O trabalho, com 2.000 anos, é considerado leitura obrigatória para quem quer saber mais sobre a atividade.

O exercício surgiu de uma tradição oral, transmitida diretamente de professor para aluno. É uma prática física, mental e emocional. Há sete modalidades mais conhecidas, mas a Hatha Yoga é a mais clássica no Ocidente e trabalha posturas básicas de alinhamento, equilíbrio e respiração.

Para os praticantes, a yoga atua como um antídoto para a ansiedade, já que ativa e desbloqueia os pontos chamados pelos orientadores do yoga de chakras – centros de energia. Além disso, ela também estimula o lado direito do cérebro, ligado à arte e à intuição, e diminui os níveis de cortisol, hormônio do estresse.

Responsável por coordenar as atividades de yoga na PUC, a professora Mônica Guimarães encontra na atividade uma forma de driblar as tensões. Formada em Administração pela Universidade, Mônica conta que a yoga amenizou o estresse que tinha por causa da rotina intensa de trabalho em banco.



Saúde: Yoga aprimora equilíbrio emocional, cada vez mais solicitado pelo mercado de trabalho

Relação corpo, mente e espírito

Técnica de meditação é uma grande aliada da atividade

FOTOS GABRIELA DORIA



A professora Rose Esquenazi (à esquerda) caracteriza a yoga com um exercício sutil que trabalha a respiração

“
Foi amor
à primeira
prática. Me
trouxe paz”
Mônica Guimarães

– Sempre fui muito ligada às atividades físicas e ao esporte. Quando comecei a trabalhar, já tinha duas filhas e estava me sentindo bastante cansada. Foi quando me interessei por meditação e comecei a pesquisar sobre o assunto. Aí vi que a preparação do corpo ideal para a meditação é pela prática de yoga, então resolvi experimentar essa atividade. Foi amor à primeira prática! O yoga me trouxe paz e autoconhecimento. Minha vida toda se transformou – diz.

A técnica de meditação é uma grande aliada do exercí-



A prática fornece flexibilidade e atua como um antídoto para ansiedade

cio e consiste na tentativa de manter a mente em estado de observação a fim de aplacar a tensão e purificar o espírito. Um estudo realizado pelo pesquisador Clifford Saron, da Universidade da Califórnia, aponta que a meditação intensifica a ação da enzima telomerase (ligada ao sistema imunológico), o que fortalece as defesas do organismo e facilita o modo como as pessoas lidam com o estresse. Nesse contexto, a respiração também é essencial. A obra *Hatha Yoga Pradipika* afirma que observar e regularizar a respiração ajuda a apaziguar a mente.

Embora vários fatores favoreçam a atividade, já houve polêmica quanto à segurança do exercício. O livro *A ciência da Yoga*, lançado em 2012 pelo jornalista americano William Broad, apresenta casos de lesões provocadas pela yoga, o que levanta como questão se ela é realmente uma prática segura e direcionada a todos. Na opinião de Mônica, o problema só ocorre quando os alunos não respeitam o próprio limite.

– O que está acontecendo é que as pessoas estão praticando Hatha Yoga sem respeitarem seus limites físicos, suas estruturas biomecânicas e fisiológicas. Yoga é para todos, mas cada pessoa deve procurar o estilo que mais se ajuste às suas condições físicas, mentais, emocionais e espirituais – afirma.

A jornalista Rose Esquenazi, professora do Departamento de Comunicação Social, teve contato com o exercício, pela primeira vez, aos 17 anos. Ela acredita que esta é uma experiência essencial para promover um ajuste entre os sentimentos e o corpo.

– Você não escraviza seu corpo, tenta o equilíbrio. Nesse mundo conturbado em que vivemos, a concentração e a paz adquiridas por meio da yoga são muito importantes. É algo sutil, trabalha muito com os benefícios da respiração. Você encontra seu eixo consigo mesmo – ressalta.

DIEGO ROMAN

Treinar para aguentar os cinco rounds no octógono, evitar a derrota e colocar o adversário no chão. Essa é filosofia de trabalho aplicada pelo professor da Coordenação de Educação Física da PUC-Rio e preparador físico de lutadores de MMA, Orlando Folhes. Com passagem pela Seleção Brasileira como atleta de wrestling, ele é graduado em educação física e é mestre em Ciências em Desporto pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Utad), Portugal. No dia 23 de maio, o instrutor demonstrou, no ginásio da Universidade, como é o treinamento, com a participação do campeão de UFC, na categoria de peso pena, José Aldo.

Após se formar em educação física, Orlando foi procurado por atletas de wrestling, e alguns deles lutavam Vale Tudo. O professor, então, foi chamado para trabalhar na Seleção Brasileira como preparador físico, o que lhe deu mais visibilidade. Com isso, mais atletas o procuraram para treinar. Orlando recebeu convite do treinador de MMA André Pederneiras, para que ele integrasse sua equipe em uma luta. Era o confronto de José Aldo contra Chad Mendes. A partir daí, ele começou elaborar programas para aumentar a resistência de atletas de mais renome, como o próprio José Aldo, Léo Santos, Cigano, Marlon Sandro, entre outros.

O preparador diz que há todo um processo para os treinamentos. Ele conta que existe um sistema para que os desportistas não sintam tanta dificuldade nos exercícios.

– Minha proposta para os lutadores é passar o que eles precisam passar, é um macro-

Esporte: Orlando Folhes, da Coordenação de Educação Física, é preparador de atletas de MMA

Resistência para ganhar o cinturão

Ex-lutador da Seleção Brasileira treina competidores de UFC

GABRIELA GARRIDO

ciclo inteiro. Eles começam com duas semanas de antecedência, quando definem a luta. Então, fazemos uma mescla de valência física necessária, logo preparamos o organismo dos lutadores para cada virada de ciclo. Quando chega o dia da luta, os atletas se apresentam com a melhor forma possível.

Segundo Orlando, para que tudo ocorra bem, é necessário um trabalho em equipe. O professor atua em conjunto com nutricionistas e profissionais da área ortomolecular.

– Estamos sempre mantendo contato para que, se necessário, fazer alguma mudança. Precisamos estar em sintonia para haver uma atuação conjunta.

Na demonstração no ginásio da PUC, Orlando contou com a ajuda de José Aldo. A aula, aberta ao público, serviu para mostrar um pouco do programa desenvolvido por Orlando. A série de exercícios, no entanto, pode ser adaptada para aqueles que não são atletas.

Segundo Aldo, os treinos são bem pesados e é preciso manter contato permanente com o preparador físico, mesmo fora das épocas de competição.

– O preparo para o trei-



O lutador de MMA José Aldo participou, ao lado de Orlando Folhes, de uma demonstração no ginásio da PUC

namento é bem complicado. Sempre que passam as lutas, temos que conversar com o professor Orlando e assim manter o corpo ativo. Quando voltamos para a prática dos

exercícios, já estamos mais prontos, e isso é meio caminho andado. Bem diferente do que começar do zero. No início, se sofre um pouco, mas isso faz parte. Todo atleta de alto ren-

dimento precisa estar bem preparado fisicamente para que, quando chegar o dia da prova, ele possa mostrar que está cem por cento e certo de que fez um trabalho bem feito.

REGISTRO

Presença em Cannes

A ex-aluna da PUC-Rio Jess Weiss participou do 67º Festival de Cannes, com o curta-metragem *O Lenço Manchado de Vermelho*. O filme, desenvolvido durante a disciplina Projeto de Filme II, contou com o apoio da Universidade e foi selecionado para a categoria Short Film Corner, circuito voltado para iniciantes e jovens cineastas, para troca de experiência.

O curta, ambientado na década de 1940 e com estética *noir*, narra a história de Ubaldo Glatt, um detetive em início de carreira. Jess contou que a ideia surgiu a partir de histórias relatadas pelo pai,

durante as viagens de carro que faziam juntos.

Para a cineasta, a experiência em Cannes foi incrível, com direito a um aprendizado sobre o mercado de curtas e distribuição de filmes.

– Tive palestras sobre divulgação, cafés da manhã com distribuidores e agentes, *master class* com a Sophia Loren. Além de encontros com colegas cineastas, com filmes originais e outras formas de pensar. Quero realmente ver se consigo fazer uma mostra na PUC, com alguns curtas que vi em Cannes. Foi super inspirador.

ALINE RIPOLI

A poster for 'Projecto Parque Vivo'. It features a stylized tree where the leaves are made of colorful paper clips. The text on the poster reads: 'Vamos manter esse Parque Vivo.' Below that, it explains that the project is a social project in the Gávea neighborhood, aiming to keep children and young people off the streets through various activities like martial arts, aerobics, dance, and English classes. It also mentions that donations are welcome and provides a website for more information: www.puc-rio.br/sobrepuc/admin/vrc/respuc. At the bottom right, there is a logo for 'Projecto Parque Vivo' featuring a stylized figure.

Competição: Estudantes de diferentes cursos do Centro Técnico Científico participam da SAE Aerodesign EAST 2014

Aprendizado em mais um voo

AeroRio foi uma das quatro equipes brasileiras presentes no concurso



1



O piloto Guilherme Rodrigues verifica condições do aeromodelo



Para participar da competição foi necessário adaptar o projeto do avião

Foto 1: Treze alunos da PUC-Rio participaram de concurso nos EUA

Foto 2: Equipe AeroRio faz ajustes no motor da aeronave

Foto 3: Alunos preparam a carga no aeromodelo antes do voo

LETÍCIA GASPARINI

A equipe AeroRio, do CTC/PUC-Rio, foi um dos quatro grupos que representaram o Brasil na SAE Aerodesign EAST 2014. A competição ocorreu entre 13 e 15 de abril, na Geórgia, nos Estados Unidos. O projeto, apresentado por 13 alunos de diferentes cursos do CTC, foi uma aeronave que tem como função soltar uma carga de areia em um alvo específico.

Igor Lins e Silva, capitão da equipe, diz que o avião teve de ser modificado para o concurso nos Estados Unidos, de acordo com as regras da SAE Aerodesign EAST. O aluno conta que a experiência serviu como um aprendizado para novas competições.

– No primeiro ano, ganhamos na categoria de Melhor Projeto. Agora, levamos um projeto muito bom, que teve uma boa resposta dos juízes que avaliaram a aeronave.



2



3